

Resenha: *A Cruel Pedagogia do Vírus*, de Boaventura de Sousa Santos

O DARWINISMO SOCIAL PRESENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA NEOLIBERAL MASSACRA

Shirlei Barros do Canto¹¹⁴

Cláudia Hernandez Barreiros Sonco¹¹⁵

A obra do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos *A Cruel Pedagogia do Vírus* (2020), com somente 32 páginas, foi organizada em tempo hábil como contribuição para que compreendêssemos o que estava acontecendo simultaneamente em todos os continentes do planeta. O início de 2020 foi marcado por incertezas recorrentes acontecidas nos campos da política e da economia, bem como no campo social. No entanto, o mundo foi surpreendido por uma pandemia e inundado de incertezas e temores que disseram respeito à continuidade da espécie humana.

O novo coronavírus é caracterizado como uma virose emergente, pois surgiu em dezembro de 2019, e trata-se de um vírus que passou a infectar o ser humano vindo de um outro animal (provavelmente morcego e/ou pangolim)¹¹⁶, por isso identificado como zoonótico. O nome recebido de SARS-CoV-2, pode assim ser desmembrado para maior compreensão: SARS é a abreviação da síndrome *Severe Acute Respiratory Syndrome*, traduzida para Síndrome Respiratória Aguda Grave. Cov é a abreviação da palavra coronavírus e o número 2 foi acrescentado por já existir o SARS-Cov, que desde 2002 ceifou mais de 800 vidas pelo mundo.

No Brasil, a desigualdade social, econômica e cultural do passado colonialista ainda pode ser percebida como algo sistêmico. E todo empenho de parte da sociedade pela decolonialidade ainda não conseguiu ressignificar o valor de cada cultura constituinte da nossa sociedade. E em meio a isso, Boaventura pontua novas aprendizagens advindas da

¹¹⁴ Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Meio Ambiente, PPGMA-UERJ, Tutora das Disciplinas Pedagógicas do CEDERJ-UERJ. Pedagoga, Bacharel e Licenciada em Letras e Mestre em Ensino, pela UERJ. E-mail: shirlei.canto@uerj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7396-464X>.

¹¹⁵ Professora Associada do Departamento de Ensino Fundamental do CAP-UERJ atuando no momento como vice-diretora do instituto. Coordenadora da disciplina Gestão 2 no Curso de Pedagogia CEDERJ-UERJ. Pedagoga e Mestre em Educação pela UERJ e Doutora em Educação pela PUC-Rio. E-mail: claudiahbsonco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4229-6028>.

¹¹⁶ Disponível em: [O Novo Coronavírus \(saude.mg.gov.br\)](https://saude.mg.gov.br). Acessado em 20 set. 2021.



experiência pandêmica, onde predominou o aumento das desigualdades e das injustiças, pois a doença tem acometido mais os pobres.

Para isso, o autor fez uso do termo “pedagogia”, para representar os possíveis ensinamentos que a crise sanitária vem oportunizando. A pandemia em si consiste em acontecimento histórico ocorrido poucas vezes no planeta, mas em todas foi extremamente fatal. Mesmo em pleno século XXI, com tanta tecnologia de ponta e avanço na medicina, um minúsculo e invisível vírus impôs ao mundo pôr-se de joelhos a refletir que nós seres humanos não somos os donos do mundo e que nossas vidas são efêmeras.

Esse opúsculo foi *pedagogicamente* dividido em cinco capítulos e serviu como embrião para a obra lançada em 2021, *O Futuro Começa Agora: da pandemia à utopia*, com 426 páginas.

A Cruel Pedagogia do Vírus traz até nós uma escrita breve, porém com peso e importância de um quase manifesto contra a ação antrópica egoísta, base do capitalismo neoliberal, que condena mais efusivamente grupos específicos ao destino abissal de padecimento ou morte.

Em seu capítulo primeiro, *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar*, Boaventura destaca que antes da atual pandemia do coronavírus a humanidade já enfrentava uma situação de crise permanente, em decorrência da afirmação do neoliberalismo dominando o setor financeiro. Como consequência se basta a legitimar o enriquecimento dos favorecidos, bem como obstaculizar qualquer medida que busque alterar as inclinações metódicas da sociedade.

Por outro lado, o advento da pandemia permitiu executar e experimentar novos arranjos, como a realização do trabalho remoto juntamente com a convivência da família, em casa. Com esse maior isolamento, muitos passaram, repentinamente, a deixar de visitar locais de consumo extremo, como os shoppings centers. Dessa forma, o autor pontua que a ideia conservadora de uma vida cada vez mais capitalista e consumista foi colocada em xeque pois, de repente, as pessoas começaram a se desalinhar com o “modo de vida imposto pelo hipercapitalismo” (p.6). Isso comprova que há alternativas para o cidadão da sociedade moderna.

Outra reflexão que o autor nos apresenta diz respeito à redoma do nicho abastado da sociedade sendo ameaçada por esse minúsculo vírus. Embora o índice de vítimas seja maior

dentre os pobres, o vírus segue indiscriminadamente atingindo a todos, independente de possuir ou não um seguro de vida, o que confirma a chamada *fragilidade humana*. Também as *Fake News* contribuíram para desinformar a sociedade, bem como demonizar a China para o mundo, seja como epicentro da doença ou como iminente dominadora do mercado econômico mundial.

Enquanto os olhares se voltam para a rixa entre China e EUA, comete-se a imprudência da *sociologia das ausências*, desprezando a gravidade da situação dos que se encontram em maior vulnerabilidade, como refugiados e imigrantes, isolados e condenados às zonas de invisibilidade.

No segundo capítulo *A trágica transparência do vírus*, o termo “*la gente de a pie*” (p. 10) evidencia a atenção e o cuidado dispensado aos menos favorecidos em desigualdade com os cidadãos de posses, que podem se isolar, praticar a máxima higiene, usar apetrechos de proteção individual como as máscaras e o uso do álcool adequado. Ainda que o primeiro grupo seja a maioria da população, a política não se volta para cuidar de seus interesses e aspirações. E isso acaba por determinar os segmentos onde ocorrem o maior número de óbitos.

Boaventura nos apresenta quem assumiu o lugar do todo-poderoso nessa peleja, ou seja, ora o grande deus religioso, ora o minúsculo vírus. Ou, como sinaliza, o mais recente todo-poderoso identificado como “mercados”, que se assemelha ao vírus por ser “insidioso e imprevisível nas suas mutações” e a deus por ser “uno e múltiplo”. E arremata essa reflexão com a alegoria dos três unicórnios (capitalismo, colonialismo e patriarcado) que formam o reino das causas. Segundo o autor, esse todo-poderoso traz como características “intemperança e incapacidade de se dominar” (p. 11). E apenas juntos os unicórnios têm forças para se impor e dominar as sociedades e suas economias.

A justificativa da invisibilidade dessa trama nas sociedades ocorre porque “decorre de um sentido comum inculcado nos seres humanos pela educação e pela doutrinação permanentes” (p. 12). No entanto, a acentuação das consequências tem levado a descortinar parte desse enredo, como a evidente disparidade de riquezas, desigualdades sociais e extermínio dos sistemas ecológicos.

No capítulo três, *A sul da quarentena*, o cenário que se anuncia, segundo Boaventura, é o de dor diante do aumento do desemprego, de destruição do meio ambiente

e do surgimento de novas pandemias, ou seja, do descuido com a subsistência global e do desrespeito à vida. E a atual pandemia tem alardeado esses tempos mais difíceis, que têm se mostrado indesejáveis, sobretudo, para os desabastados *“a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam”* (p. 21).

Evidencia-se a preocupação com os mais atingidos, que não necessariamente estão localizados no designado “Sul planetário”, ou seja, países outros que não EUA, Europa e o restante dos países localizados no hemisfério norte, de sobremaneira, designados não pela localização espacial, mas pela designação referente ao “espaço-tempo político, social e cultural” (p. 15). Segue reafirmando a pandemia ser sim discriminatória e de pior enfrentamento por parte de certos grupos. Em destaque, os grupos submetidos ao sofrimento causado pelo capitalismo e pela discriminação de toda natureza: as mulheres, os trabalhadores informais, os camelôs, a população de rua, os moradores das comunidades de favelas ou alijadas dos grandes centros urbanos, refugiados, imigrantes, os deficientes e os idosos. E a autora Nilma Gomes completa: *“Um tempo de miséria e violências contra os mais pobres, os negros, os indígenas, os quilombolas, a população LGBT, as pessoas do campo, as mulheres, as pessoas e grupos progressistas e de esquerda”* (GOMES, 2020, p. 204 - 205).

Boaventura assegura que a quarentena “reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido” (p. 21). Essa barbárie civilizatória é percebida no machismo arraigado na sociedade patriarcal, na violência doméstica, no desemprego ou subemprego, na fome contínua, no desabrigado de lar e de cidadania, para exemplificar. Ou seja, a sociedade já sempre promoveu uma espécie de quarentena para essas pessoas que se sentiam excluídas. De modo que a pandemia apenas veio agravar o ilusório equilíbrio existente em uma sociedade imbuída de deveres éticos e humanitários.

Embora a “lista dos que estão a sul da quarentena” (p. 21) seja extensa, o autor dispensa uma atenção especial à situação dos idosos, distinguindo as realidades entre os idosos do Norte e do Sul. Os idosos do Norte são colocados nas casas de longa permanência e lá vivem em permanente quarentena. Já os idosos do Sul, por necessidade, buscam prolongar a vida ativa no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal, porque comumente são arrimo da família ou os provedores para a subsistência de parte da família,

como dos netos. E nesse caso, a sua perda pode acarretar aumento da desnutrição e privação aos que porventura são assistidos.

O capítulo quatro *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições*, apresenta um ensaio com seis lições que o coronavírus submete a humanidade. São lições de alerta que abordam desde a sociedade midiática ao capitalismo predador, finalizando com a lição que esclarece que nas últimas décadas o princípio do *mercado* tem estado em evidência em detrimento dos outros dois princípios que regulam a sociedade moderna: o *Estado* e a *comunidade*.

Quando Boaventura escreveu essa obra havia o registro de 40.000 óbitos, e no momento da redação desta resenha, apenas no Brasil já estamos próximos de 600.000 mortos e no mundo 4.550.000 pessoas faleceram¹¹⁷. Embora seja um número alarmante, as ações antrópicas vêm há muito atuando como algozes e, segundo o autor, o *The Guardian* (5 de março 2020) noticiou que a poluição atmosférica mata 7.000.000 de habitantes, ao ano. Contudo, há muitos outros eventos ecológicos na era antropocêntrica. Ou seja, a pandemia é apenas uma dentre as muitas manifestações de uma sociedade “que se começou a impor globalmente a partir do século XVII” (p. 23).

O alerta defende que necessitamos cuidar do planeta e uns dos outros, para sobrevivermos em um mundo mais justo e amoroso, pois é a “nossa casa comum”, a exemplo “como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo”. Para o autor, a pandemia trata-se de uma reação, uma autodefesa por parte do planeta diante da crise ecológica, da qual ele precisa se defender e pontua que a vida humana corresponde apenas a 0,01% da vida existente na Terra, embora explore e degrade os recursos do planeta a índices alarmantes, submetendo diversas espécies em perigo de extinção, inclusive, a própria.

Esse capítulo evidencia e questiona a capacidade humana de se enxergar no espelho de forma crítica e perceber que de nada adiantou a hegemonia dos EUA e de outros países que privatizaram completamente os seus sistemas de saúde, pois frente à pandemia tiveram respostas mais morosas e desencontradas. E nesse contexto, a China, embora em quase embargo por parte dos países que temem a sua capacidade de articulação e trabalho,

¹¹⁷ Disponível em:

<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F02j71&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acessado em 23 set. 2021.



tiveram de admitir que ela respondeu rapidamente pela produção dos insumos necessários para o combate à doença, com proporções internacionais.

O futuro pode começar hoje foi o título dado ao capítulo cinco, que encerra essa obra que se postula contra hegemônica e que visa contornar o destino abissal da humanidade em ter de conviver com a crise pandêmica da Covid-19¹¹⁸. Necessário a busca pela justiça social e econômica, além da libertação das amarras da supremacia cultural eurocêntrica que promove a naturalização de todo sofrimento e de toda exploração presentes nas sociedades capitalistas.

A obra é um livro-convite à reflexão sobre a vulnerabilidade humana, ao passo que elenca as possibilidades (urgentes) de mudanças inescusáveis, sugerindo um movimento que encoraje a esquadrihar as concepções reacionárias e que possa trocar a necropolítica por um mundo gerido para a sobrevivência do coletivo.

Para o autor, “A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena” (SANTOS, 2020, p. 32), revelando que a crise mundial existia antes da pandemia, tendo como pilares o capitalismo, o colonialismo, o patriarcado e o neoliberalismo. São bases sistematicamente engendradas na grande maioria das nações. E nesse esquema, sequer a democracia permite total liberdade e autonomia a seus cidadãos, que são regidos pelo sistema de dominação, quase sempre cruel e devastador.

Necessitamos alcançar uma condição emancipatória frente às diversas questões que assolam a nossa sociedade e comprometem a nossa cidadania, porque o retorno à dita “normalidade” não será algo fácil e exigirá muitas reorganizações, em todos os setores. Ocorre que diante da pandemia o índice da população na linha da pobreza aumentou consideravelmente e o quadro de desemprego subiu vertiginosamente, devido à falência de grande número de empreendimentos, por causa da diminuição da economia, a qual para muitos desacelerou. Evidente que uma parcela da população já sofria durante a pré-pandemia as injustiças de uma economia capitalista que prioriza o dinheiro em detrimento do bem-estar dos cidadãos.

Por fim, o autor encerra a obra com uma lição de otimismo, mas que nos vai custar esforços planetários ainda não praticados por essa civilização. Sugere como caminho a

¹¹⁸ Covid 19 vem do termo em inglês *CoronaVirus Disease* - 2019. Disponível em: <http://www.pcdlegal.com.br/siglas/covid-19-do-ingles-coronavirus-disease-2019/?versao=dvisual>. Acessado em 26 set. 2021.

superação da quarentena do capitalismo e a preservação da natureza no entendimento basilar de que somos a natureza e sacramenta *“Quando superarmos essa quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias”* (SANTOS, 2020, p. 32).

Referências

SANTOS, B. de S. O vírus transparente e os unicórnios invisíveis. **Outras palavras**. São Paulo: 07/4/2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/o-virus-transparente-e-os-unicornios-invisiveis/> . Acesso em 21 set. 2021.

GOMES, N. L.. Educação, diversidade, emancipação e lutas em tempos antidemocráticos. In BOTO, Carlota et al. (org.). **A escola pública em crise: inflexões, apagamentos e desafios**. Organizadores Carlota Boto, Vinício de Macedo Santos, Vivian Batista da Silva, Zaqueu Vieira Oliveira. São Paulo: FEUSP, 2020.

SANTOS, B. de S.. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32p. Disponível em: <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/2020/04/19/cruel-pedagogia-do-virus-livro-em-pdf/> . Acesso em: 01 jun. 2021.

Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. **Você sabe como surgiu o coronavírus SARS-CoV-2?**. Tozzi, Marcela et al. Blog Corona Vírus, MG, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus> . Acessado em 20 set. 2021.

Data do envio: 27/09/2021
Data do aceite: 19/10/2021.

